

# APROXIMAÇÕES INTERAMERICANAS: ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR, FRANTZ FANON E PAULE MARSHALL

INTER-AMERICAN APPROXIMATIONS: ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR,  
FRANTZ FANON, AND PAULE MARSHALL

Stelamaris Coser<sup>1</sup>

**Resumo:** Interligando datas, geografias e histórias, línguas e escritos, este trabalho homenageia Fernández Retamar e também Marshall e Fanon, três nomes marcantes de uma geração pioneira. O “Caliban” de Roberto Fernández Retamar (1971) expressa os ideais de luta pela liberdade cubana e latino-americana, afirmando o poder de reação de “nossa América mestiça” (MARTÍ, 1891) contra o imperialismo de antigos e novos colonizadores. Na ficção da estadunidense Paule Marshall, porém, Caliban é um personagem negro desfigurado e desumanizado pelos processos de colonização no Brasil, parecendo reverberar ideias expressas por Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (1952) – cujo título original era “Um ensaio pela desalienação dos Negros”. A morte precoce de Fanon ocorreu no mesmo ano em que “Brazil” foi publicado e dez anos antes de “Caliban”. Entrelaço escritores e obras que pensaram a América a partir de pontos diversos de um “Grande Caribe” – o “Extended Caribbean” de Immanuel Wallerstein –, em mapa reconfigurado para incluir desde Nova York até o Rio de Janeiro, cidade reinventada por Marshall no conto “Brazil” (1961).

**Palavras-Chave:** Caliban; “América mestiça”; Negro; “Grande Caribe”; Desalienação.

**Abstract:** Crisscrossing dates, geographies and histories, languages and texts, this article pays tribute to Fernández Retamar and also to Marshall and Fanon, three remarkable names of a pioneering generation. Roberto Fernández Retamar’s “Caliban” (1971) expresses Cuban and Latin-American ideals in the struggle for freedom, asserting “nuestra América mestiza” (MARTÍ, 1891) and its power to react against the imperialism of old and new colonizers. In the fiction of U.S. writer Paule Marshall, however, Caliban is a black male character who has been disfigured and dehumanized by the colonization processes in Brazil, apparently reverberating ideas

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Norte-Americana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Brasil; Doutora em Estudos Americanos pela University of Minnesota – Estados Unidos; Estágio pós-doc no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), Letras, UFRJ – Brasil. Professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Brasil. ORCID ID <https://orcid.org/0000-0002-8082-7328>. E-mail: [maris.coser@gmail.com](mailto:maris.coser@gmail.com)

expressed by Frantz Fanon in *Black skin, white masks* (1952) –whose original title was "An essay for the disalienation of Blacks". Fanon's early death occurred in the same year that "Brazil" was published, and ten years before "Caliban". I bring together writers and texts that have approached America from different standpoints in the "Extended Caribbean" described by Immanuel Wallerstein, in a map reconfigured to include from New York to Rio de Janeiro, the city reinvented by Marshall in her novella "Brazil" (1961).

**Keywords:** Caliban; "América mestiza"; Black; "Extended Caribbean"; Disalienation.

## 1. INTRODUÇÃO

*"¿Qué es nuestra historia,  
qué es nuestra cultura, sino la  
historia, sino la cultura de Caliban?"*  
Roberto Fernández Retamar (1971,  
p. 34)

*"Que veut  
l'homme noir?"*  
Frantz Fanon  
(1952, p. 6)

*"Caliban! Caliban! Where  
are you going?"* Paule Marshall (1961, p. 177)

Marcado pelos ideais de luta da Revolução Cubana e pelos princípios fundadores de José Martí, o ensaio "Caliban" foi publicado pela primeira vez em 1971 por Roberto Fernández Retamar (1930-2019). Hoje ultrapassa seus cinquenta anos como um texto destacado, influente e forte não só para Cuba e a América Latina – a "Nossa América" de que fala Martí (1853-1895) em seu importante ensaio (1891) –, mas também pelo mundo afora, com múltiplas edições e grande repercussão crítica. Inspirando-se no famoso personagem homônimo de *A tempestade* de William Shakespeare, o escritor cubano remete à correlação entre a palavra Caliban, seu anagrama Canibal e a denominação indígena Caribe/Karib, um dos principais grupos linguísticos falados nas ilhas caribenhas e em pontos da região amazônica à época da chegada dos primeiros europeus, que descreveram seus falantes como selvagens violentos e comedores de carne humana (MEIRA, 2006, p. 159-166). Em Shakespeare, o

selvagem Caliban é retratado como um ser grotesco e animalizado, forçado a servir ao poderoso Próspero e a sua filha Miranda. Seria ele intrinsecamente bestial ou foi desumanizado pelo olhar europeu por ser Outro, um objeto de desprezo submetido à escravidão? Esta é uma das muitas questões instigantes que a peça vem suscitando ao longo dos séculos.

Dentre os diversos personagens do texto shakespeariano, o escritor uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), autor de *Ariel* (1900), escolheu este espírito alado como representante do idealismo e do refinamento intelectual hispano-americano. Tendo concebido sua obra sob o efeito da intervenção norte-americana em Cuba no ano de 1898, Rodó considerou o disforme Caliban a melhor metáfora para os Estados Unidos, país imperial e utilitarista. Fernández Retamar (1971, p. 35-37), por sua vez, embora fosse grande admirador de Rodó e considerasse seu ensaio “uma das obras mais famosas da literatura hispano-americana”, entendeu não haver “uma polaridade real Ariel-Caliban. São ambos servos nas mãos de Próspero, o feiticeiro estrangeiro, só que Caliban é o rude e inconquistável dono da ilha, enquanto Ariel, criatura aérea, embora também filho da ilha, é ali o intelectual, como perceberam Ponce e Césaire”.<sup>2</sup>

Sendo assim, Fernández Retamar (1992, p. 118) vai reivindicar Caliban, o filho de Sycorax, com sua cor escura e sua resistência rebelde, como um “poderoso conceito-metáfora” que se aplica não só a “à América Latina e ao Caribe, mas também, como tem sido frequente, aos condenados da terra em seu conjunto, cuja existência alcançou uma dimensão única a partir de 1492”. A linguagem aprendida com o colonizador não foi vista como empecilho, pelo contrário: seria a arma usada pelos oprimidos para liderar e solidificar suas lutas de libertação. O autor cubano (1992, p. 118, n. 4) comenta a referência indireta que faz ao título da obra de Fanon, *Les damnés de la terre* (1961),

---

<sup>2</sup> Referência aos destacados escritores Aníbal Ponce (1898-1938) e Aimé Césaire (1913-2008).

lembrando também que, no final do século XIX, “Martí havia usado a expressão ‘los pobres de la tierra` com sentido semelhante”.<sup>3</sup> Em espelhos e leituras que se desdobram, Wallerstein (2008, p. 4) argumenta que o título escolhido por Fanon, “evidentemente, era tirado do primeiro verso da Internacional, o hino do movimento operário mundial.” A letra do hino foi criada pelo operário Eugène Pottier em junho de 1871, por ocasião da Comuna de Paris, e já completou 150 anos: “De pé, ó vítimas da fome! / De pé, famélicos da terra!”.<sup>4</sup>

Fernández Retamar não foi o primeiro a se apropriar do personagem Caliban para representar o poder de fala dos escravizados e oprimidos da América em reação a antigos e novos exploradores. Ele mesmo (1971, p. 32) aponta o escritor barbadiano George Lamming (1927-2022) como “o primeiro escritor latino-americano e caribenho a assumir nossa identificação (especialmente a do Caribe) com Caliban”, em *The pleasures of exile [Os prazeres do exílio]* (1960). A partir da metade do século XX, a onda descolonizadora e os diversos movimentos de protesto e libertação ocorrendo pelo mundo impulsionaram a reescrita e o jogo intertextual em que textos hegemônicos da literatura europeia são reelaborados e reivindicados pelas ex-colônias.<sup>5</sup> *A tempestade* shakespeariana, originalmente escrita em 1610-1611, é um fenômeno dentro desse quadro, tendo recebido inúmeros estudos e análises, além de novas roupagens e adaptações seja como peça teatral ou outra forma literária, tornando-se um texto chave dentro dos chamados estudos pós-

---

<sup>3</sup> Essa obra de Fanon foi traduzida para o português como *Os condenados da terra* (1968). Neste trabalho, a tradução livre de trechos de obras publicadas em língua estrangeira é de responsabilidade da autora.

<sup>4</sup> A Internacional foi cantada inicialmente com a música da Marselhesa, mas “em 1888, após a morte de Eugène Pottier, outro operário – Pierre Degeyter – musicou a letra, dando-lhe sua versão definitiva” (CARRION, 2021).

<sup>5</sup> Um exemplo é o romance *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys (1966), traduzido como *Vasto Mar de Sargaços* (2012), inspirado pela louca (caribenha) escondida no sótão no romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (1847). A personagem é ali deslocada do centro imperial inglês e trazida para a Jamaica. Jean Rhys (1890-1979) nasceu em Dominica, uma das Pequenas Antilhas. Por outro lado, a autora francófona Maryse Condé (n. 1937, Guadalupe) publicou *La migration des coeurs* (1995), traduzido no Brasil como *Corações migrantes* (2002), uma releitura do clássico *O morro dos ventos uivantes [Wuthering Heights]* de Emily Brontë (1847).

coloniais.<sup>6</sup> Entre as muitas reescritas do texto de Shakespeare, registro a adaptação politicamente engajada e irreverente da peça *A tempestade* (1979) pelo grande dramaturgo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), escrita no exílio e dedicada exatamente a Roberto Fernández Retamar.

O objetivo central do presente trabalho é retomar a figura de Caliban, destacando e homenageando o importante legado de Fernández Retamar. Para tanto, proponho uma abordagem de “Caliban” (1971), seu ensaio mais conhecido, posto em diálogo com textos de Frantz Fanon e Paule Marshall, ambos também de origem caribenha e mais ou menos da mesma geração. Na verdade, fui inspirada pelo próprio Fernández Retamar e sua longa lista de líderes políticos, escritores, músicos, cineastas, intelectuais e profissionais de várias partes das Américas, a quem ele homenageia a cada nova edição do seu ensaio, sempre acrescentando nomes e expandindo a comunidade artística, política e intelectual de “Calibans” atuantes, resistentes e solidários.

Embora a figura impulsionadora para Fernández Retamar tenha sido José Martí, que tanto engrandeceu e louvou *Nuestra América* e a cultura hispânica/ibérica, o escritor cubano reúne em seu texto nomes vindos de vários países latino-americanos (inclusive muitos do Brasil) e das ilhas caribenhas de colonização holandesa, inglesa e francesa como, por exemplo, Frantz Fanon (1925-1961), nascido na Martinica. Em vários momentos de seu ensaio ele se refere ao médico psiquiatra negro formado na França, autor de obras clássicas a respeito dos traumas impostos pelos colonizadores europeus e seus descendentes à população negra, marcada pela escravidão e pelo racismo. Médico, pensador e ativista político, Fanon atuou também como soldado na Segunda Guerra, defendeu a revolução pela independência de ex-colônias na

---

<sup>6</sup> Sem poder aprofundar essa ampla vertente, cito apenas algumas obras e estudos publicados no Brasil e em outros países: BONNICI, T. (2009); RODRIGUES, K.F.C. (2008); COSER, S. (2001); CHEYFITZ (1991, 1997); BLOOM, H. (1992); DONALDSON, L.E. (1992); NIXON, R. (1987); HULME, P. (1986).

África e se envolveu diretamente na violenta Guerra de Libertação da Argélia (1954-1962).

A escritora e professora Paule Marshall (1928-2019) oferece um contraponto feminino e literário aos dois escritores. Filha de migrantes caribenhos e nascida no Brooklyn, Nova York, suas raízes familiares a conectam à pequena ilha de Barbados, de colonização inglesa. Sob a influência dos pais, parentes e vizinhos, Marshall desenvolveu uma consciência interamericana e aprendeu a admirar os ideais hemisféricos de justiça e igualdade do jamaicano Marcus Garvey (1887-1940), grande líder negro e fundador da *Universal Negro Improvement Association* (UNIA). Hoje herói nacional da Jamaica, ele também integra o rol dos “Calibans” homenageados no ensaio de Fernández Retamar.

Ainda não publicada no Brasil, a obra de Paule Marshall inclui principalmente romances e contos, inclusive a *novella* [conto longo] intitulada “Brazil” (1961), cujo personagem principal é um artista cômico negro conhecido pelo pseudônimo Caliban, que se apresenta na Casa Samba, no Rio de Janeiro. Assim como outras escritoras negras nascidas nos Estados Unidos,<sup>7</sup> Marshall criou uma literatura hemisférica, interligando continentes, iluminando aspectos da diáspora africana e marcas coloniais que persistem na longa faixa costeira, banhada pelo Oceano Atlântico, que Wallerstein (1980) denominou “*The Extended Caribbean*” [O Grande Caribe]. Penso em um mapa reconfigurado para abarcar desde Nova York até o Rio de Janeiro, cidade-cenário em “Brazil” (COSER, 1995, p. XII).

---

<sup>7</sup> Entre elas eu destacaria Toni Morrison, Ntozake Shange e Gayl Jones.

## 2. O CALIBAN DE FERNÁNDEZ RETAMAR E O COLONIZADO EM FRANTZ FANON

Geograficamente, o lugar de enunciação de Roberto Fernández Retamar em seu famoso ensaio é o centro das Américas, a ilha de Cuba. Sua primeira publicação não poderia ter local mais simbólico do que a revista *Casa de las Américas* (n. 68, set-out. 1971), na organização fundada em 1959. Ele era na época diretor da revista, tornando-se presidente da *Casa* a partir de 1986. A instituição se propunha exatamente a promover o intercâmbio cultural entre Cuba e os outros países da América Latina. Quando o auge das revoltas contra o colonialismo europeu parecia ter passado e as pressões do governo dos Estados Unidos e da OEA contra Cuba eram mais contundentes, Fernández Retamar (1971, p. 20-21) investe contra o neocolonialismo e o racismo dos Estados Unidos, fazendo o elogio dos ideais de Martí e da revolução cubana conduzida por Fidel Castro.

Nas palavras de Fernández Retamar (1971, p. 41, 20), José Martí “sentia correr em suas veias o sangue dos índios caribe, o sangue de Caliban.” Em contraste com “*nuestra América mestiza*” tão decantada por Martí, o gigante do norte “exterminou os indígenas e relega os negros a um lugar separado”, perpetuando seu “monstruoso critério racial”. As Américas do centro e do sul, por outro lado, apresentam “uma cultura de descendentes de aborígenes, de europeus, de africanos —étnica e culturalmente falando.” Essa rica cultura e a mistura de etnias continuam menosprezadas pelos grandes centros metropolitanos calcados em preconceitos arraigados desde épocas coloniais, quando o desprezo havia se misturado ao medo e à prepotência e levado os conquistadores europeus ao extermínio da população indígena, tanto os pacíficos Arawak (ou Taínos) quanto os guerreiros Caribe, cometendo “um dos maiores etnocídios da história” (FERNÁNDEZ RETAMAR, 1971, p. 25). Para o escritor (1971, p. 26, 37), não existe mais qualquer dúvida de que Shakespeare tinha a conquista da América pelos europeus em mente ao escrever *A*

*tempestade*, e fica mais claro ainda que seu monstro Caliban “é o nosso Caribe”. Em discurso de 1971 no décimo aniversário de Playa Girón<sup>8</sup>, citado por Fernández Retamar (1971, p. 37), Fidel Castro se reportou ao menosprezo até então sofrido por cubanos, latinos e caribenhos dentro de uma relação tipo Próspero x Caliban: “Para los imperialistas no somos más que pueblos despreciados y despreciables. Al menos lo éramos. Desde Girón empezaron a pensar un poco diferente. Desprecio racial. Ser criollo, ser mestizo, ser negro, ser, sencillamente, latinoamericano, es para ellos desprecio.”

Duas décadas antes de Fernández Retamar, o psicanalista francês Octave Mannoni (1950) e o psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1951) se haviam ocupado da relação entre Caliban e Próspero na peça shakespeariana, já identificando Caliban com o homem colonizado. Em *Psychologie de la colonization*, livro escrito em 1948 e publicado em 1950 em Paris, Mannoni estava sob o impacto da radicalização do movimento pela independência da ilha de Madagascar e dos conflitos violentos em 1947. Desenvolveu então a hipótese do “complexo de Próspero”, a ideia de que o colonizado seria predisposto a imitar e a depender do colonizador, o que foi rejeitado por Fanon e criticado também por [Aimé Césaire](#) em seu *Discours sur le colonialisme* (1950). Fernández Retamar (1971, p. 31) aborda a obra de Mannoni e depois a reação de Fanon, a dependência e a rebeldia do colonizado sendo tratados em publicações de meados do século XX:

En este libro, probablemente por primera vez, Caliban queda identificado como el colonial, pero la peregrina teoría de que éste siente el «complejo de Próspero», el cual lo lleva neuróticamente a requerir, incluso a presentir y por supuesto a acatar la presencia de Próspero/colonizador, es rotundamente rechazada por Frantz Fanon en el cuarto capítulo («Sobre el pretendido complejo de dependencia del colonizado») de su libro de 1952 *Piel negra, máscaras blancas*.

---

<sup>8</sup> Tentativa frustrada de invasão da ilha de Cuba pela Baía dos Porcos, executada por exilados cubanos opositores apoiados pelo governo dos Estados Unidos.



O autor cubano aponta a parcialidade de Mannoni ao tentar proteger a “civilização europeia e seus melhores representantes” da possível acusação de “racialismo colonial” e ao considerar a França “inquestionavelmente um dos países menos racistas no mundo”. Por outro lado, Fernández Retamar registra com orgulho que Caliban foi assumido como “nosso símbolo” em obras de três escritores antilhanos ao final da década de 1960, cada um se expressando em sua língua colonial específica: *La tempête*, peça teatral do martinicano Aimé Césaire, que adapta Shakespeare “para um teatro negro”; o livro de poemas *Islands*, do barbadiano Edward Kamau Brathwaite, que inclui “um poema dedicado a ‘Caliban’”; e o ensaio “Cuba hasta Fidel”, de autoria do próprio Fernández Retamar (1971, p. 33). Os três falam *sobre* Caliban e atuam *como* Caliban, tendo aprendido a língua do colonizador para se rebelar, criar uma arte livre e registrar as culturas caribenhas. Assim também o “ex-nativo” Frantz Fanon utiliza a língua francesa para divulgar sua mensagem aos colonizados – “Nativos de todos os países subdesenvolvidos, uni-vos!” – e demonstrar “as táticas do colonialismo [...] com o objetivo de ensiná-los a derrotar o povo da mãe-pátria em seu próprio jogo” (SARTRE in FANON, 1968a, p. 10).

### 3. O CALIBAN DE PAULE MARSHALL

Nascida no Brooklyn, Nova York, um reduto de imigrantes caribenhos, Paule Marshall (1928-2019) era filha de migrantes negros e pobres vindos da ilha de Barbados. Em sua escrita ficcional o Caribe é lugar de cruzamento entre línguas e culturas, o primeiro espaço geográfico a registrar os encontros e conflitos que formariam a América.<sup>9</sup> No seu segundo romance, *The chosen place, the timeless people* [*O lugar escolhido, o povo eterno*], Marshall (1969, p.13) descreve as ilhas enfileiradas que interligam as partes do continente, como se fossem “pedras de apoio que podem ter sido colocadas ali por alguma raça

---

<sup>9</sup> Neste trabalho, a palavra ‘América’ se refere sempre ao continente americano como um todo.

gigante, muito tempo atrás, cobrindo a distância entre as Américas, do Norte e do Sul.”<sup>10</sup>

O Atlântico é espaço de passagem, distanciamento e perdas, mas também faz a conexão entre Caribe e África, terra ancestral de grande parte da população caribenha. Barbados, pequena ilha do Caribe anglófono e lugar de origem familiar e cultural para Paule Marshall, é a ilha situada mais a leste, mais perto da África, localização enfatizada pela escritora e também pelo aclamado poeta e historiador *Bajan*, Kamau Brathwaite (1930-2020).<sup>11</sup> Ele confere destaque especial a esse romance de Marshall como exemplo da “literatura de reconexão” com a África, ligação diaspórica que observa em alguns escritores do Caribe e que surge nos Estados Unidos com o ativismo negro pós-1965 (BRATHWAITE, 1984, p. 133).

Caliban é o protagonista em “Brazil”, um dos quatro contos que integram a coletânea *Soul clap hands and sing* (1961), segunda obra publicada pela autora.<sup>12</sup> Ela esteve em diversas partes das Antilhas e no Brasil na década de 1950, quando trabalhou em reportagens especiais para a revista *Our World*, publicação sediada em Nova York e direcionada para a classe média negra. É possível que tenha se inspirado na desigualdade social e racial impregnada na paisagem da cidade do Rio de Janeiro, então capital do país; em shows musicais no Cassino da Urca, no Teatro de Revista, nas vedetes loiras... e em Grande

---

<sup>10</sup> Tradução livre do original inglês: “steppingstones that might have been placed there long ago by some giant race to span the distance between the Americas, North and South.”

<sup>11</sup> “Bajan” é uma adaptação coloquial do adjetivo “Barbadian”. Kamau Brathwaite é outro nome caribenho que enriquece a lista dos admiráveis companheiros de luta que Fernández Retamar cita em seu ensaio.

<sup>12</sup> O título da coletânea é adaptação de um verso do poema “Sailing to Byzantium” (1928) do poeta e dramaturgo irlandês William Butler Yeats (1865-1939), traduzido como “Rumo a Bizâncio” por F. Pedreira: “Um velho é coisa sem valor, / Esfarrapado casaco esquecido num bordão, / A não ser que a alma bata palmas e cante/ E mais alto cante cada farrapo da sua veste mortal” (QUEIROZ, 2018). A referência a grandes clássicos é comum em obras de escritores do Caribe, como Jamaica Kincaid, Maryse Condé e Derek Walcott, entre outros.

Otelo.<sup>13</sup> Tal como o grande ator brasileiro, o personagem de Marshall era negro, pequeno e pobre, saído do interior de Minas Gerais atrás de trabalho e sobrevivência na “Cidade Maravilhosa” – e ambos ganharam pseudônimos de inspiração shakespeariana.

No enredo ficcional, após morar na favela e viver de biscates, Heitor Baptista Guimarães consegue sair da pobreza e do anonimato se apresentando em shows sob o nome artístico de Caliban. Sua parceira de palco é Miranda, mulher alta, loura e também migrante, vinda do Rio Grande do Sul. Caliban não é um revolucionário, nem líder do povo oprimido, nem tem físico que impressione, mas parodia o grande campeão do boxe Joe Lewis: posa de machão valente, exhibe os punhos cerrados e faz de conta que é um grande lutador. Também conta piadas, enrosca-se nas longas pernas da moça e os dois juntos cantam e dançam. Divertem a plateia de brasileiros e turistas norte-americanos, para quem o Brasil se revela terra de misturas raciais que sorri e dança ao “erótico ritmo do samba” (MARSHALL, 1961, p. 131). Já cansado daquele papel, o negro no palco finge alegria e se faz de palhaço. A máscara sorridente e afável evoca versos do poema “We wear the mask” de Paul Laurence Dunbar (1896), poeta negro muito admirado por Marshall: “We wear the mask that grins and lies, / It hides our cheeks and shades our eyes”. A face sofrida e torturada não deve ser mostrada ao mundo: “Nay, let them only see us while/ We wear the mask”.<sup>14</sup>

Como nas demais histórias dessa coletânea de Paule Marshall, o protagonista de “Brazil” é um homem envelhecido. Já lhe falta o brilho humorístico, a memória, a força e agilidade física, e é forçado a encarar suas frustrações e contradições. Tenta encontrar energia e salvação numa jovem

---

<sup>13</sup> Grande Otelo, ou melhor, Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993), nasceu em Uberlândia, MG.

<sup>14</sup> Poema “Usamos a máscara”: “Usamos a máscara que sorri e mente, / Ela esconde nosso rosto e sombreia nossos olhos”. [...] “Não, deixe que apenas nos vejam/ quando usamos a máscara.” (FIGUEIREDO, 2020)

mulher negra, neta de um primo, que buscou no interior de Minas para ser sua esposa e lhe dar o filho que já traz no ventre. O ator quer se livrar da amante Miranda, a quem havia dado há anos um belo apartamento em Copacabana para ela morar e ele frequentar. Quer sair dos letreiros e da fantasia para voltar à favela que tinha há muito esquecido; quer recuperar seu nome real, que ninguém mais reconhece (nem sua doce esposa, nem a amante, nem o antigo patrão). No camarim da Casa Samba, Caliban se tortura com a imagem no espelho que também não reconhece, e por um espírito que parece estar sempre a sua espera num canto, como a sombra de algo perdido. O personagem da peça de Aimé Césaire (1969, p. 15) vive situação análoga quando afirma: “Não quero mais ser chamado de Caliban... Caliban não é meu nome.”

Após décadas ignorando a favela, ele volta ao morro onde havia trabalhado, esperando encontrar a parte de si mesmo que havia perdido. Na subida, passa por “meninos equilibrando latas d'água na cabeça [...], olhos vazios, indiferentes, que pareciam espelhar a vida derrotada que ainda tinham para viver”. É obrigado a encarar os excluídos da cidade e do mundo de que fala Frantz Fanon no livro *Os condenados da terra* (1961), por coincidência publicado no mesmo ano que o conto “Brasil” de Marshall (1961, p. 163). Os pobres são o reverso do cartão postal: “Aquela miséria se erguendo sobre o Rio sugeria que o próprio Rio não passava de uma farsa.”<sup>15</sup>

No conto, o personagem Caliban é um negro desfigurado e desumanizado pelo processo de colonização e pelo racismo estrutural nas Américas. Parece evocar alertas expressos por Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*, cujo título original era “Um ensaio pela desalienação dos Negros”. Fanon inicia a Introdução citando Césaire em *Discurso sobre o colonialismo*: “Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a prostração, o desespero, o servilismo.”

---

<sup>15</sup> “That squalor above Rio implied that Rio herself was only a pretense.”

Esse bombardeio colonialista pode levar o homem negro ao fundo do poço, “uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada”, mas é nessa condição de trágica despersonalização que “um autêntico ressurgimento pode acontecer.” Apesar do grande sofrimento, Fanon (2008, p. 25, 26) aponta o “benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos”.

Refletindo psicanaliticamente sobre sua própria experiência de vida como negro num mundo branco e europeu, Frantz Fanon (2008, p. 28) descreve o modo como o sujeito colonial constrói sua imagem. O que vê no espelho reflete a negação de si mesmo como sujeito, a rejeição e a falta (como acontece ao Caliban de Paule Marshall). Embora seu livro proponha uma análise psicológica, Fanon entende que, além do reconhecimento de si, “permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais.” Na defesa de “um feminismo Afro-latino-americano” (1988, p. 15), a brasileira Lélia Gonzalez reitera que, “uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos”. A partir daí, “o desejo de embranquecer (de ‘limpar o sangue’ como se diz no Brasil), é internalizado com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura”.

Sobre a criação de seus personagens, Paule Marshall declarou em 1991 ser do seu agrado representar “pessoas vivendo um momento de crise e de questionamento em suas vidas, levá-las a passar por algum tipo de viagem espiritual ou emocional e só então deixá-las, quando essa jornada tiver cumprido seu ciclo e ajudado a compreenderem algo sobre si mesmas” (ROGO, 2019). Em seus romances, esse processo envolvendo deslocamento, purgação e redenção permite às protagonistas femininas descobrir ou recuperar seu próprio eu e sua cultura, construindo laços significativos com a comunidade e a história. Em *Soul Clap Hands and Sing* (1961), no entanto, a epifania final não

ocorre da mesma forma. Os protagonistas dos contos mostram uma fratura identitária vinculada ao abandono das origens, ao afastamento de valores humanos essenciais, à ausência de uma consciência racial, social e histórica, e à absorção de valores defendidos pelo capitalismo. Não atingem o momento de iluminação final que caracteriza o romance *Praisesong for the widow*, por exemplo, publicado vinte e um anos depois. As “trajetórias de auto-definição” (tomando emprestada parte do título de Barbara Christian, 1985), movimentos que marcam obras posteriores de Marshall e de outras escritoras negras, são ali apenas sugeridas em sua urgência.

Caliban se desespera e foge de tudo e de todos, parecendo chegar à profundidade dos infernos de que fala Fanon. Ele bate portas, destrói espelhos, lustres, cortinas, móveis, objetos, ofende e agride fisicamente a amante. A cena parece ilustrar o argumento de Walter Mignolo (2005, p. 9) de que os “legados coloniais são um espaço de acumulação de fúria”. Cansado e descrente, Caliban/Heitor quer afastar-se depressa do palco e de tudo que se relacione a carreira, sucesso, ao mundo falso em que habita. Marshall (1961, p. 177) termina “Brazil” com o homem em fuga e as perguntas de Miranda deixadas no ar, sem resposta: “Caliban! Caliban! Aonde você está indo? E o show? Está louco?... Para onde vai?”. Fazem lembrar as interrogações de Fanon na Introdução a *Black skin, white masks* (1967, p. 10): “O que quer o homem?”, e a seguir, incisivo: “O que quer o homem negro?”.

#### 4. REVISÕES, QUESTIONAMENTOS E ABERTURAS

Como observa Hulme (1986, p. 94), “Textos serão inevitavelmente locais de luta em que leituras diferentes e incompatíveis se chocam.” Mesmo inseridos no contexto histórico, no tempo e lugar de sua escrita e publicação, cada leitura vai trazer as marcas de quem lê. Sobretudo a partir dos anos 1960 e com mais força no século XXI, há maior demanda por inclusão e mais atenção à alteridade nos movimentos sociais e políticos que eclodiram ou se intensificaram ao longo

do período. Donna Haraway (1988) defendeu a produção feminista de “saberes localizados”, parciais e corporificados, contrapondo-se ao ponto de vista tradicionalmente masculino e branco e a qualquer visão unificada e homogênea, inclusive dentro do feminismo. Os movimentos de direitos civis e a consciência das intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade (COLLINS & BILGE, 2016) contribuíram para a maior visibilidade do racismo estrutural, da sua relação com a pobreza e com os arraigados preconceitos de gênero nas sociedades e culturas das Américas.

Mulheres de diversas cores, línguas e origens se uniram em publicações pioneiras que marcaram época e continuam influentes. Exemplos marcantes são as obras das autoras *chicanas* Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa (1981) e as publicadas individualmente por Anzaldúa (1987 e 1990), ambas falando a partir dos Estados Unidos, mas descartando a rigidez de fronteiras nacionais e de tabus reguladores do corpo e da escrita. Reivindicam a liberdade sexual e se apropriam calibanicamente do termo depreciativo *chicana*, adotado e estabelecido como bandeira de luta por mulheres mestiças de línguas e cores diversas. Falando a partir do Brasil, Lélia Gonzalez (1988, p. 14) aponta a persistência do racismo e da desigualdade na América Latina, expondo o ideal fraturado: “a questão racial na região tem sido ocultada no interior das suas sociedades hierárquicas”.

Mais recentemente, Figueiredo (2015, p. 153-159) argumenta que o “debate sobre o machismo e a homofobia no interior da comunidade negra tem sido uma pauta encabeçada por jovens feministas negras, insatisfeitas e não mais dispostas a pactuar com o alto preço de silenciar tais questões”. Quanto à mestiçagem, observa que o conceito de raça no Brasil se desenvolveu a partir do processo de “mistura” derivado da miscigenação entre negros, indígenas e brancos. Ao permitir e apoiar oficialmente a cor parda no recenseamento da população, o “discurso normativo do Estado” interferiu para a inserção de mestiços e mulatos como “sujeitos supostamente não racializados”,

promovendo o ideal eurocêntrico de um país civilizado, moderno e branco em lugar da sociedade mestiça/morena que inspirou Martí e outros latino-americanos. Figueiredo (2015, p. 161-165) sublinha o fato de que “os padrões de relacionamentos que deram origem às primeiras gerações de mestiços não resultaram de uma relação afetiva consensual, horizontalizada”. Os mestiços brasileiros foram “fruto da violência contra as mulheres negras e indígenas ou de relacionamentos extraconjugais”, e “não tiveram a oportunidade do convívio com os pais brancos”. Violência e discriminação contra negros e indígenas são uma constante ao longo da história, assim como contra as mulheres. A crescente demanda feminista por liberdade e voz torna mais evidentes a centralidade masculina, inclusive o lugar periférico de Miranda no embate Próspero-Caliban das releituras pós-coloniais. Nas lutas políticas, por vezes as questões de gênero, raça e etnia são deixadas na sombra ao serem priorizadas a classe e a nação.

Dentro das profundas transformações sociais, nacionais e hemisféricas ainda em curso, como se sustentam hoje os escritos publicados há tantas décadas por Roberto Fernández Retamar, Frantz Fanon e Paule Marshall?

Em “Caliban Revisitado” [*Caliban Revisited*], escrito quinze anos após o texto original, Fernández Retamar (1989, p. 47) aborda vários comentários publicados até então sobre seu ensaio. Agradece a alguns e discorda de outros que, a seu ver, tiraram seus argumentos de contexto e os deixaram sem sentido. Lembra que o ano de 1971 “foi um belo momento em que a vida intelectual em muitos países estava sob a hegemonia da esquerda”. As décadas precedentes testemunharam a Revolução Cubana, a Guerra na Argélia e a Guerra do Vietnã. A eleição de Salvador Allende no Chile em 1970 e a Revolução Sandinista de 1979 são fatos marcantes numa época em que as artes e a cultura tiveram grande visibilidade, e Che Guevara continuava sendo a maior inspiração para os muitos que sonhavam viver um socialismo amplo na América Latina.



Por outro lado, o escritor cubano (1989, p. 48-51) aponta os ataques a Cuba, a ocupação da República Dominicana, as agressões e estratégias imperialistas, inclusive a fundação da revista *Mundo Nuevo*, financiada pela CIA com o propósito de “desafiar, da Europa e com visual moderno, a hegemonia da perspectiva revolucionária na produção intelectual latino-americana.” Devido ao rumoroso Caso Padilla, duas cartas-abertas assinadas por intelectuais e endereçadas a Fidel continham sérias acusações contra ele de “métodos repressivos contra intelectuais”, “dogmatismo obscurantista” e “práticas de caça às bruxas” que faziam lembrar hábitos stalinistas. Como relata Ricupero (2021, p. 220), mesmo quem não assinou as cartas foi afetado; “a ação repressiva serve como motivo para que boa parte da intelectualidade de esquerda reveja seu apoio à Revolução Cubana.”

Fernández Retamar (1989, p. 52-54) retoma esse quadro tenso e confessa que escreveu Caliban sob muita pressão, sentindo paixão e revolta contra as acusações que considerou profundamente injustas, principalmente aquelas de escritores latinos (como o peruano Mario Vargas Llosa e o uruguaio Emir Rodríguez Monegal). Quanto às duras críticas feitas a Jorge Luis Borges e Carlos Fuentes em seu próprio ensaio, ele reconhece o humor e os grandes dons literários de Borges. Mas justifica sua profunda irritação com Fuentes, mesmo sendo “um dos escritores latino-americanos mais importantes dos últimos tempos”: ele contribuiu com a revista *Mundo Nuevo*, teceu comentários injustos contra Cuba e assinou as duas cartas a Fidel, embora tenha demonstrado desde então um “apoio inequívoco às revoluções de Cuba e da Nicarágua.”

Nadia Lie (1997, p. 584) observa um ponto fraco na opção de luta pelo marxismo por Fernández Retamar, dentro de sua narrativa de oposição radical entre o imperialismo colonialista-eurocêntrico e o marxismo socialista, já que este último seria também “um internacionalismo/universalismo de estirpe eurocêntrica.” Quanto aos binarismos que caracterizam o texto original de “Caliban”, Lie observa o longo tempo decorrido desde então e a comprovação

de que Fernández Retamar veio a assumir depois “posições muito mais matizadas no campo cultural”. Projetos amplos de união nacional e hemisférica tendem a eliminar discordâncias e subsumir desigualdades internas arraigadas, o racismo e o sexismo. Amaryll Chanady (1994, p. x) argumenta que “hoje, qualquer investigação sobre identidade coletiva [...] deve ter em mente que o conhecimento é construído e que essa construção é continuamente renovada. [...] Nossa própria conceptualização de identidade coletiva está sempre sujeita a interpretação, renovação e crítica.”

Chanady (p. xxii-xxiii) questiona a aplicação generalizada do símbolo Caliban a um grupo muito heterogêneo de pessoas; a lista de Fernández Retamar vai do último imperador inca, Tupac Amaru, ao escritor Prêmio Nobel Pablo Neruda, por exemplo. “Definitivamente não são todas figuras calibânicas (no sentido mais comum da interpretação do tema) que se rebelam contra seus senhores”, mas sem dúvida, ela completa, “a maioria é calibânica por ter aprendido a adaptar as ‘línguas’ metropolitanas e a desenvolver uma forma original de se expressar.” A listagem de nomes importantes pode ter sido usada por Fernández Retamar para mostrar a riqueza e a diversidade da cultura latino-americana ao jornalista europeu que o havia questionado sobre o tema. Chanady (xxiv-xxv) critica o esquema binário usado na abordagem de todo conflito, sempre entre “Nós” (latino-americanos) e “Eles” (europeus e norte-americanos), e “metaforicamente entre Caliban e Próspero, entre marxistas e capitalistas”. Reitera que, ao representar “uma identidade pós-colonial relativamente homogênea, sem expor conflitos internos”, o autor acabou reproduzindo “estratégias da construção da nação moderna.” Singh (1996, p. 194), por sua vez, aponta o uso problemático do símbolo em George Lamming, Aimé Césaire e Fernández Retamar: “Como protótipo do homem revolucionário, Caliban se torna um símbolo conveniente e homogeneizante para a decolonização”.

Em contrapartida, um aspecto relevante dos escritos de Fernández Retamar para os estudiosos britânicos e estadunidenses foi sublinhado por José David Saldívar em *The dialectics of Our America* (1991, p. 123-24). Saldívar argumenta que os pesquisadores que trabalham na linha do *New Historicism* nos Estados Unidos e do *Cultural Materialism* na Inglaterra “têm ignorado as apropriações da peça *A tempestade* feitas por Lamming, Césaire e Fernández Retamar”, textos que seriam valiosos no âmbito de “uma análise cultural comparativa de escritores latino-americanos, afro-caribenhos, afro-americanos e chicanos/as.”

Com seu olhar interamericano, Paule Marshall nos remete às amarras coloniais que ainda cegam e corrompem, à urgência de se rebelar e de procurar espaços de liberdade e afirmação. Embora seu estilo de escrita fosse considerado clássico, Marshall rompe com esse padrão ao deixar o final em aberto, pois “o romance clássico, em sua necessidade de resolver a questão do significado da existência, visa a conclusão” (GAGNEBIN, 1987, p. 15). A *novella* “Brazil” pode se tornar incômoda e inquietante por não concluir e nem fazer de Caliban um herói, deixando sem solução as angústias e revoltas do protagonista e as questões identitárias e sociais suscitadas pela narrativa. O final, porém, não exclui a possibilidade de que a raiva intensa seja o caminho para a desalienação – e para que Heitor, com seu nome de herói, venha a se reconhecer como negro e abraçar a história.

## 5. COMENTÁRIOS FINAIS

Nas sucessivas reedições do seu ensaio, Fernández Retamar efetuou modificações e acréscimos, aparentemente buscando uma parceria político-cultural mais ampla e inclusiva. Não só não retirou, como acrescentou muitos nomes à sua lista heterogênea de “Calibans”, habitantes das ilhas e do continente, pessoas mestiças, indígenas, negras e brancas que desafiaram e

resistiram às tentativas de dominação e controle por parte de diferentes “Prósperos”, em momentos diversos da história. Se inicialmente a lista de 37 nomes incluía apenas uma mulher, a inesquecível chilena Violeta Parra (1917-1967), em *Todo Caliban* (2004) a lista de companheiros e companheiras tem onze mulheres e conta com 85 nomes ao todo, sendo onze brasileiros (de Tiradentes a Glauber Rocha; Tarsila do Amaral é a única mulher).

Ao longo das décadas, Fernández Retamar ampliou sua influência e a esperança em uma América Latina unida em torno de ideais socialistas e propostas libertadoras, aproximando-se de exilados das diversas ditaduras que foram surgindo em vários países. O escritor encontrou também intelectuais como Chomsky, Jameson e Said, e elogiou a abertura de universidades dos Estados Unidos “às ideias e falas de professores não conformistas como ele próprio” (2002, p. 5). Olhou com prazer o fato de poder dialogar abertamente com docentes e estudantes naquele país, e de constatar que José Martí estava afinal incluído em antologias de língua inglesa, sinais de abertura de fronteiras culturais. Esse diálogo e esses ideais fazem falta no momento presente do Brasil, quando repetidas manifestações internas nas regiões sul, sudeste e centro-oeste exibem um desprezo eurocêntrico pelos supostos “Calibans” em nosso país. Além do arraigado preconceito contra negros e indígenas, voltam-se com furor contra os nordestinos: porque votaram e elegeram um presidente de esquerda, porque são pobres, porque “não trabalham”, porque são mestiços.

O livro *Pele negra, máscaras brancas* é de 1952, mas também continua referência no Brasil e em outros países. No início da Introdução, Fanon (2008, p. 25, 29) assume com coragem seus limites: “Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais”. E pouco adiante: “Pertencço irredutivelmente a minha época”. Em “Ler Fanon no século XXI”, Wallerstein (2008, p. 3-5) discute “a atualidade do pensamento de Fanon em torno de três eixos principais: o uso da violência, a afirmação da identidade e a luta de classes”, temas que continuam desafiadores. Observa que a primeira

obra de Fanon (*Pele negra* [...], 1952) teve “uma segunda vida em inglês trinta anos” após sua publicação inicial, “altura em que se transformou num texto central do cânone pós-moderno”. Os termos do título de seu segundo livro, *Os condenados da terra* (1961), publicado postumamente, referem-se às “pessoas de cor” a quem Fanon dirige sua palavra, pois ele não fala aos poderosos da terra. Esta obra o fez mundialmente conhecido e “tornou-se quase uma bíblia” para ativistas envolvidos em “movimentos que culminaram na revolução mundial de 1968”.

No conto de Paule Marshall, o Brasil pode ser tomado como um lugar paradigmático das mazelas e desafios que continuam a assombrar os muitos países e cidades ainda não inteiramente descolonizados nas Américas. A face estranha e perdida de Caliban no espelho parece evocar o povo brasileiro retratado por Roland Corbusier (1958), mais ou menos na mesma época: “Somos o invólucro vazio de um conteúdo que não é nosso porque é alheio. Enquanto colônia não temos forma própria porque não temos destino”. Mas o texto de Marshall pode ser lido, também, como uma alegoria ampliada do mapa da América Latina ou do “Grande Caribe”, com seus milhares de escravizados ao longo do Atlântico. Além disso, os dilemas pessoais, culturais, sociais e políticos sugeridos pela narrativa remetem a considerações de intelectuais de renome para as questões de raça e colonialismo nas Américas, como W.E.B. DuBois e outros tantos, além de Roberto Fernández Retamar e Frantz Fanon.

Em Marshall, ironicamente, o negro encontra visibilidade na máscara branca. Ele é objeto de consumo, mas é também consumidor; comprou e usou as mulheres, virou as costas para a miséria e as desigualdades do capitalismo, abandonou suas raízes. Contaminou-se pelo jogo de Próspero, as armadilhas *do* capital e *da* capital do país. Em *Pele negra, máscaras brancas* (1952, p.10, 192-94, 231), Fanon analisa o negro antilhano que, inferiorizado e desumanizado pela hegemonia branca, entra em “uma zona do não-ser, região estéril e árida em declive profundo”. Mas existe esperança, pois ali “pode nascer uma autêntica

reviravolta”. Por viver “uma ambiguidade neurótica”, o negro está “sempre em luta com sua própria imagem. [...] A liberdade requer um esforço pela desalienação”. Ou a necessária descolonização da mente, como enfatiza bell hooks (1995, p. 474).

Nessa rede de tempos, espaços, línguas e escritos, este trabalho homenageia Roberto Fernández Retamar, Frantz Fanon e Paule Marshall, aproximados no espaço caribenho, em suas datas de nascimento e da publicação de suas obras, além de ser 2019 o ano de falecimento de Marshall e de Fernández Retamar. São interligados, sobretudo, pela preocupação com a descolonização e o interesse pela resistência, a justiça social e o respeito às diferenças em nossas Américas. Os três se assemelham, por fim, nas muitas perguntas, questões e desafios que suas obras continuam apresentando a nós, leitores – como as destacadas em epígrafe no início deste texto.

### REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.

ANZALDÚA, Gloria (Ed.). *Making face, making soul/Haciendo caras: Creative and critical perspectives by Feminists of Color*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1990.

BLOOM, Harold (Ed.). *Caliban*. New York: Chelsea House, 1992. (Major Lit. Characters).

BOAL, Augusto. *A tempestade e As Mulheres de Atenas*. Lisboa: Plátano, 1979.

BONNICI, Thomas. A reescrita de *The Tempest* (1611), de Shakespeare, em *Indigo*, de Marina Warner. In: BONNICI, T. (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009. p. 67-112.

BRATHWAITE, Edward Kamau. The African Presence in Caribbean Literature. In: Moreno Fragnals, Manuel (Ed.). *Africa in Latin America: Essays on History, Culture, and Socialization*. New York: Holmes & Meier, 1984. p. 103-144.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. (1847). Ed. Q. D. Leavis. Harmondsworth, Middlesex, Eng.: Penguin Books, 1966.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Trad. L. Esteves e A. Pissetta. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CARRION, Raul. A Internacional, o hino dos trabalhadores, completa 150 anos. *Vermelho, Cultura*, 20 jun. 2021. Disponível: <https://vermelho.org.br/2021/06/20/a-internacional-o-hino-dos-trabalhadores-completa-150-anos/>. Acesso em 02 nov. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. *A Tempest: an adaptation of The tempest for Black theatre*. Trad. R. Miller. New York: UBU Repertory Theatre Publications, 1969.

CHANADY, Amaryll (Ed.). *Latin American identities and constructions of difference*. Minneapolis: Univ. of Minnesota P., 1994.

CHEYFITZ, Eric. *The poetics of imperialism: translation and colonization from The Tempest to Tarzan*. (1991). Expanded ed. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania P., 1997.

CHRISTIAN, Barbara. Trajectories of Self-Definition: Placing Contemporary Afro-American Women's Fiction (1983). In: CHRISTIAN, B. *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers*. New York, N.Y.: Pergamon, 1985. p. 171-186.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONDÉ, Maryse. *Corações migrantes. (La migration des coeurs, 1995)*. Trad. Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CORBUSIER, Roland. *Formação e problema da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958. (Textos Brasileiros de Filosofia, 3).

COSER, Stelamaris. *Bridging the Americas: the literature of Paule Marshall, Toni Morrison, and Gayl Jones*. Philadelphia: Temple University Press, 1995.

COSER, Stelamaris. O "Brazil" de Paule Marshall. In: TORRES, Sonia (Org.). *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001. p. 220-229.

DONALDSON, Laura E. The Miranda complex: colonialism and the question of feminist reading. In: DONALDSON, L. E. *Decolonizing feminisms: race, gender, and empire-building*. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1992. p. 13-31.

DUNBAR, Paul Laurence. We wear the mask (1896). In: MCQUADE, Donald (Ed.). *The Harper American Literature*. 2ed. New York: Harper Collins, 1996. p. 890-92, 896.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. (1952). Trad. C. L. Markmann. New York: Grove Press, 1967.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. (1952). Trad. Renato da Silveira. Prefácio de Lewis R. Gordon. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. (*Les damnés de la terre*, 1961). Prefácio de Jean-Paul Sartre. Trad. Constance Farrington. New York: Grove Press, 1968a.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Caliban: Notes toward a discussion of culture in Our America. [1971]. Trad. L. Garafola, D. A. Murray, R. Márquez. p. 03-45; Caliban Revisited [Havana, 13 Mar. 1986], p. 46-55. In: FERNÁNDEZ RETAMAR, *Caliban and other essays*. Trad. E. Baker. Prefácio Fredric Jameson. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1989.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. More than a bird's eye view of my labor: essays and occasionl pieces. *World Literature Today*, v. 76, n. 3-4, p. 5-11, Sum. - Aut. 2002.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Caliban quinientos años más tarde. *Nuevo Texto Critico*, n. 11, primer semestre de 1993. In: *Todo Caliban*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. p. 117-140.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Calibán*. [Calibán (1971); Calibán quinientos años más tarde (1992); Posdata (1993)].<sup>16</sup> Buenos Aires, CLACSO: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales [2004]. (Colección Secretaría Ejecutiva de Clacso).

FIGUEIREDO, Angela. *Periódicus*, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidade, UFBA. Disponível: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso: 20 out. 2022.

FIGUEIREDO, Hermes. Poesia "Usamos a Máscara" [Paul Laurence Dunbar]. YouTube, 25 abr. 2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=6eqUtbgQQ5A>. Acesso: 11 ago. 2020.

<sup>16</sup> Retamar explica em nota 85, p. 72: "Posdata para una edición japonesa de Caliban. Con el título «Adiós a Caliban» se publicó por primera vez en Casa de las Américas, N° 191 abril-junio de 1993."



GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio P. Rouanet. *Obras escolhidas*, v. 1. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7-19.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. (1988). *Caderno de formação política do Círculo Palmarino*, n. 1, Batalha de idéias - Afrolatinoamérica, p.12-20, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. (1988). Trad. Mariza Corrêa, Rev. Sandra Azeredo. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 07-41, 1995.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. Rio de Janeiro: v. 3. n. 2, p. 464-478, 2.sem. 1995.

HULME, Peter. Prospero and Caliban. In: HULME, P. *Colonial encounters: Europe and the Native Caribbean 1492-1797*. London & New York: Methuen, 1986. p. 88-134.

LAMMING, George. *The pleasures of exile*. (1960). London: Allison & Busby, 1995.

LIE, Nadia. Calibán en contrapunto: Reflexiones sobre un ensayo de Roberto Fernandez Retamar (1971). *América: Cahiers du CRICCAL*, n.18, v. 2, p. 573-585, 1997. Disponível: [https://www.persee.fr/doc/ameri\\_0982-9237\\_1997\\_num\\_18\\_2\\_1294](https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1997_num_18_2_1294). Acesso: 21 out. 2022.

MARSHALL, Paule. Brazil. In: MARSHALL, P. *Soul clap hands and sing*. (1961). Washington D.C.: Howard University Press, 1988. (Library of Contemporary Literature).

MARSHALL, Paule. *The chosen place, the timeless people*. New York: Harcourt, Brace & World, 1969.

MARTÍ, José. *Nossa América*. (1891). Trad. Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983. p. 194-201.

MEIRA, Sérgio. A família linguística Caribe (Karíb). *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.157-174, jul./dez. 2006. Disponível: [http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/journal:funai/meira\\_2006\\_familia\\_Karib.pdf](http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/journal:funai/meira_2006_familia_Karib.pdf). Acesso em 21 out. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la ratio entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos. *GEOgraphia*, UFF, Niterói, v. 7, n. 13, p. 07-28, 2005.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (Eds.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. 2ed. Latham, New York: Kitchen Table, Women of Color Press, 1981, 1983.

QUEIROZ, Adalberto de. Visões da poesia de Yeats (1). *Jornal Opção*, 11 jul. 2018. Disponível: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/destarte/visoes-da-poesia-de-yeats-130258/>. Acesso em: 02 set. 2019.

RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. New York: Norton, 1966.

RHYS, Jean. *Vasto Mar de Sargaços*. Trad. Léa V. de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

RICUPERO, Bernardo. Caliban ou canibal? Diálogos brasileiros de Roberto Fernández Retamar. *Lua Nova*, São Paulo, n. 114, p. 213-252, 2021.

RODRIGUES, Kátia F.C. The Calibanic construction of the other: among storms and shipwrecks. *Revista Brasileira do Caribe*, Univ. de Brasília, CECAB, v. IX, n. 17, p. 235-266, jul.-dez. 2008.

ROGO, Paula. Novelist Paule Marshall has died. *Essence*, Aug. 17, 2019. Disponível: <https://www.essence.com/culture/novelist-paule-marshall-died/>. Acesso: 09 set. 2019.

SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. Ed. Anne Righter (Anne Barton). Harmondsworth, Middlesex, Eng.: Penguin Books, 1968. (New Penguin Shakespeare).

SINGH, Jyotsna G. Caliban versus Miranda: race and gender conflicts in postcolonial writings of *The Tempest*. In: TRAUB, Valerie et al. (Eds). *Feminist readings of early modern cultures: emerging subjects*. Cambridge: Cambridge Univ. P., 1996. p. 191-209.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World System*. v. 2: *Mercantilism and the consolidation of the European World Economy*. New York: Academic, 1980.

WALLERSTEIN, Immanuel. Ler Fanon no século XXI. Trad. António Sousa Ribeiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], Universidade de Coimbra, n. 82, p. 3-12, set. 2008. Disponível: <http://journals.openedition.org/rccs/611>. Acesso: 15 out. 2022.

YEATS, William Butler. Sailing to Byzantium. In: *Poetry Foundation*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/43291/sailing-to-byzantium>. Acesso: 10 nov. 2019.

Recebido em 22/11/2022

Aceito em 15/03/2023.